



# desvendando os mistérios da linguagem

Francieli Matzenbacher Pinton  
Camilla Steinhorst  
Stéfani Kelling  
(Orgs.)



## CADERNO DE ATIVIDADES

DO CONTO À FANFIC



**Reitor da Universidade Federal de Santa Maria**

Professor Dr. Paulo Afonso Burmann

**Diretor do Centro de Artes e Letras**

Professor Dr. Cláudio Esteves

**Coordenadora Institucional do Projeto Residência Pedagógica**

Professora Dra. Andréia Machado Oliveira

**Docente Orientadora de Língua Portuguesa do Projeto**

Professora Dra. Francieli Matzenbacher Pinton

**Organizadoras do Caderno**

Camila Steinhorst

Stéfani Kelling de Vargas

**Colaboradores**

Alessandra da Silva Lima

Matheus Francisco Toledo Pinheiro

**Revisão de linguagem**

Professora Dra. Francieli Matzenbacher Pinton

**Editoração**

Camila Steinhorst

**Capa**

Camila Steinhorst

Os textos aqui apresentados são de inteira responsabilidade de seus autores.

D631 Do conto à fanfic : desvendando os mistérios da linguagem /  
[organizadores Camila Steinhorst, Stéfani Kelling de Vargas]. –  
Santa Maria : UFSM, CAL, Curso de Letras, 2019.  
46 p. : il. ; 30 cm. – (Caderno de atividades)

“Projeto Residência Pedagógica em Língua Portuguesa UFSM”

1. Fanfiction 2. Linguagem 3. Ensino básico 4. Material  
didático I. Steinhorst, Camila 2. Vargas, Stéfani Kelling

CDU 801:82

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990

Biblioteca Central - UFSM

# apresentação

Bem-vindo, caro leitor, ao caderno de atividades **Do conto à fanfic**: desvendando os mistérios da Linguagem.

Se desejar, pule esta apresentação. Não preste atenção neste texto, tampouco nos que virão a seguir. Não espere encontrar muita diversão neste caderno. Aqui você encontrará apenas histórias que despertam e revelam mistérios, dosadas com muita imaginação, e terá a oportunidade de conhecer dois gêneros discursivos de modo significativo a partir de experiências de leitura e de escrita.

Todas essas atividades, leitor ansioso, partiram do Projeto Residência Pedagógica em Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que inicialmente objetivou a produção de material didático a fim de beneficiar os alunos de Escolas parceiras do Programa. Devido a isso, esta produção foi pensada para lhe garantir um maior espaço de dedicação e de reflexão sobre a linguagem a partir da aproximação com o universo ficcional em sala de aula.

Este caderno tem uma função, mas e o universo literário? A Literatura pode ser uma representação da realidade e, através dela, adquirimos condições para compreender melhor nossa natureza humana. Pode parecer estranho, mas é na/pela língua que nos manifestamos e intervimos no mundo. Desse modo, a Literatura é um meio de transcender o tempo, a finitude da vida e a realidade em que vivemos.

Não existe Literatura sem leitura, querido leitor. Se você ainda não percebeu isso, pegue o livro mais próximo e/ou continue sua travessia por este material e descubra que há mais coisas no mundo do que sonhamos! É verdade, cético leitor, ao ler e ao escrever, passamos a pertencer ao mundo e a fazer escolhas mais conscientes.

Desejamos, em nome do Projeto Residência Pedagógica, que você seja feliz com as atividades deste material e consiga perceber, em suas leituras, maneiras de afinar suas emoções e expandir sua visão sobre si e sobre o mundo para que possa ser um sujeito melhor a cada dia.

Com carinho,

Camila Steinhorst e Stéfani Kelling  
Residentes em Língua Portuguesa da UFSM

# SUMÁRIO

O PODER DAS PALAVRAS.....	5
O CONTO SE APRESENTA.....	6
O QUE VOCÊ PRECISA SABER ANTES DE CONTINUAR.....	9
TEXTO E CONTEXTO .....	17
ESTUDO DO TEXTO EM FUNCIONAMENTO .....	24
A OBRA MACHADIANA EM OUTRAS MATERIALIDADES .....	28
INTERTEXTUALIDADE: UM TEXTO, VÁRIOS UNIVERSOS.....	28
FANFICTION: O QUE É? .....	30
FANFIC NA TEMPERATURA AMBIENTE.....	33
BRINCANDO COM A LÍNGUA.....	35
SEJA VOCÊ O MAGO!.....	38


## Focando no objetivo!

---

Aluno, com estas atividades, pretendemos que você:

Ao aprofundar a leitura investigativa e crítica no que se refere à organização do texto e à manifestação linguística, (re)conheça o funcionamento dos gêneros conto e *fanfiction*.

### O poder das palavras



A ciência moderna tem nos ensinado muitas coisas, mas ainda há muitos mistérios. Você com certeza já deve ter direcionado seu olhar para o céu e perguntado: "Como surgiu o mundo?", "Como as estrelas se formam?", "O que sou?"... Mesmo que você não tenha se feito essas perguntas, você certamente fica encantado com o nascimento de uma flor, com as cores da primavera e com o pôr do sol. O nascimento, o crescimento e a morte são etapas que compartilhamos entre nós, seres vivos, e para as quais buscamos respostas. A linguagem é, nesse sentido, uma ferramenta com a qual moldamos o mundo, ou seja, atribuímos significados a fenômenos e à vida. Assim, podemos afirmar que a linguagem nos desperta e nos modifica. Dessa maneira, a linguagem é um campo mágico que pode mudar realidades e circunstâncias. Imersas nesse campo, estão as palavras que iluminam a nossa imaginação.

Através da leitura de diferentes textos, você pode entrar em contato com outros mundos e expandir sua visão acerca de si e do outro. A leitura exerce um papel indispensável para a humanização, porque instrui, ensina, comove e permite viajar para outros mundos. Dessa forma, você não continua a ser o mesmo após o contato com o texto. Por acreditarmos nisso, propomos que você desvende alguns mistérios da linguagem, ao longo deste material, e sinta confiança em produzir seu texto com o objetivo de brincar, criar e divulgar sua ficção.

## O conto se apresenta

Que tal conhecer o gênero **conto**? A partir do texto **O conto se apresenta**, de Moacyr Scliar, percebemos que esse gênero é uma **narrativa**. Todo texto narrativo apresenta um **enredo**. Nesse enredo, as personagens praticam ações em um **tempo** e em um **espaço**, assim como na vida real, em que você (sujeito) realiza algo, em determinado local, por exemplo: agora, você está lendo este texto, na sua casa ou na sala de aula. Mas, peraí... não confunda! O universo dos contos é somente ficção! Por isso, chamamos as “figuras” nos textos de **personagens** e não de pessoas.

Bem, você já sabe que o conto narra algo que é realizado por personagens em um tempo e em determinado espaço, mas ainda falta um elemento, não é? Você que é um leitor esperto sabe que toda narrativa é contada por alguém. Nesse universo, quem nos conta a história é o **narrador**.



Conheça mais sobre o autor em:



### O CONTO SE APRESENTA

Moacyr Scliar

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me enxergar. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer assim, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala dos livros que você lê.

Não fique tão surpreso assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhos amigos. Você já me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, do Saci-Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que eu vou fazer agora, em homenagem a você. E começo me apresentando: eu sou o Conto. Sabe o conto de fadas, o conto de mistério? Sou eu. O Conto.

Vejo que você ficou curioso. Quer saber coisas sobre mim. Por exemplo, qual a minha idade.

Devo lhe dizer que sou muito antigo. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. Faça o seguinte: feche os olhos e imagine uma cena, uma cena que se passou há muitos milhares de anos. É de noite e uma tribo dos nossos antepassados, aqueles que viviam nas cavernas, está sentada em redor da fogueira. Eles têm medo do escuro, porque no escuro estão as feras que os ameaçam, aqueles enormes tigres, e outras mais. Então alguém olha para a lua e pergunta: por que é que às vezes a lua desaparece? Todos se voltam para um homem velho, que é uma espécie de guru para eles. Esperam que o homem dê a resposta. Mas ele não sabe o que responder. E então eu apareço. Eu, o Conto. Surjo lá da escuridão e, sem que ninguém note, falo baixinho ao ouvido do velho:

— Conte uma história para eles.

E ele conta. É uma história sobre um grande tigre que anda pelo céu e que de vez em quando come a lua. E a lua some. Mas a lua não é uma coisa muito boa para comer, de modo que lá pelas tantas o grande tigre bota a lua para fora de novo. E ela aparece no céu, brilhante.

Todos escutam o conto. Todo mundo: homens, mulheres, crianças. Todos estão encantados. E felizes: antes, havia um mistério: por que a lua some? Agora, aquele mistério não existe mais. Existe uma história que fala de coisas que eles conhecem: tigre, lua, comer — mas fala como essas coisas poderiam ser, não como elas são. Existe um conto. As pessoas vão lembrar esse conto por toda a vida. E quando as crianças da tribo crescerem e tiverem seus próprios filhos, vão contar a história para explicar a eles por que a lua some de vez em quando. Aquele conto. No começo, portanto, é assim que eu existo: quando as pessoas falam em mim, quando as pessoas narram histórias — sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas. Histórias que atravessam os tempos, que duram séculos. Como eu.

Aí surge a escrita. Uma grande invenção, a escrita, você não concorda? Com a escrita, eu não existo mais somente como uma voz. Agora estou ali, naqueles sinais chamados letras, que permitem que pessoas se comuniquem, mesmo a distância. E aquelas histórias — sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas — vão aparecer em forma de palavra escrita.

E é neste momento que eu tenho uma grande ideia. Uma inspiração, vamos dizer assim. Você sabe o que é inspiração? Inspiração é aquela descoberta que a gente faz de repente, de repente tem uma ideia muito boa. A inspiração não vem de fora, não; não é uma coisa misteriosa que entra na nossa cabeça. A boa ideia já estava dentro de nós; só que a gente não sabia. A gente tem muitas boas ideias, pode crer.

E então, com aquela boa ideia, chego perto de um homem ainda jovem. Ele não me vê. Como você não me vê. Eu me apresento, como me apresentei a você, digo-lhe que estou ali com uma missão especial — com um pedido:

— Escreva uma história.

Num primeiro momento, ele fica surpreso, assim como você ficou. Na verdade, ele já havia pensado nisso, em escrever uma história. Mas tinha dúvidas: ele, escrever

uma história? Como aquelas histórias que todas as pessoas contavam e que vinham de um passado? Ele, escrever uma história? E assinar seu próprio nome? Será que pode fazer isso? Dou força:

— Vá em frente, cara. Escreva uma história. Você vai gostar de escrever. E as pessoas vão gostar de ler.

Então ele senta, e escreve uma história. É uma história sobre uma criança, uma história muito bonita. Ele lê o que escreveu. Nota que algumas coisas não ficaram muito bem. Então escreve de novo. E de novo. E mais uma vez. E aí, sim, ele gosta do que escreveu. Mostra para outras pessoas, para os amigos, para a namorada. Todos gostam, todos se emocionam com a história.

E eu vou em frente. Procuo uma moça muito delicada, muito sensível. Mesma coisa:

— Escreva uma história.

Ela escreve. E assim vão surgindo escritores. Os contos deles aparecem em jornais, em revistas, em livros.

Já não são histórias sobre deuses, sobre criaturas fantásticas. Não, são histórias sobre gente comum — porque as histórias sobre as pessoas comuns muitas vezes são mais interessantes do que histórias sobre deuses e criaturas fantásticas: até porque deuses e criaturas fantásticas podem ser inventados por qualquer pessoa. O mundo da nossa imaginação é muito grande. Mas a nossa vida, a vida de cada dia, está cheia de emoções. E onde há emoção, pode haver conto. Onde há gente que sabe usar as palavras para emocionar pessoas, para transmitir ideias, existem escritores.

Alguns deles – grandes escritores – você vai conhecer agora. O José Paulo Paes, que já morreu, escrevia poemas, escrevia artigos, escrevia contos... Ele adorava crianças e adorava palavras: e, por causa disso, escreveu “A Revolta das Palavras”. Você já imaginou isso, as palavras se revoltando? Pois é. Se o Conto pode falar, as palavras podem se revoltar, não é verdade? Isso é o que José Paulo Paes diz. E depois tem o Milton

Hatoum. Ele é do Norte, de Manaus. E escreve uma linda história que se passa em Xapuri, no Acre. E o Marcelo Coelho, que é jornalista, fala sobre o primeiro dia na escola. Lembram disso? Lembram do primeiro dia na escola? O Marcelo vai ajudar vocês a lembrar. Já o Drauzio Varella é médico, um grande médico que é também escritor. Mas os médicos, e os escritores, também tiveram infância, também fizeram travessuras, e é disso que o Drauzio vai falar para vocês.

Posso ir embora. Vou em busca de outros garotos e outras garotas. Para quem vou me apresentar:

— Eu sou o Conto.

SCLIAR, M. **O conto se apresenta**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/211324258/o-Conto-Se-Apresenta-Moacyr>. Acesso em 17/09/2018.



## O que você precisa saber antes de continuar...

No texto acima, percebemos que o **narrador-personagem** é peculiar: o próprio conto se apresenta, como o título afirma. De modo geral, Moacyr Scliar cria uma história **metanarrativa**, ou seja, uma narrativa que discorre sobre o próprio processo de criar ficção.

Nesse sentido, ao utilizar **perguntas retóricas**, o conto instiga o leitor a continuar a leitura do texto e a desvendar os mistérios do conto: sua história que iniciou na tradição oral para depois passar à tradição erudita, bem como seu processo de escrita que gira em torno do registro inicial, da revisão e da reescrita. Ainda no início do texto, comenta sobre seus subgêneros: conto de fadas e de mistério.

Já refletimos sobre alguns aspectos do gênero, mas para seguir adiante precisamos perceber o que cada instância narrativa significa e que suas características dependem de cada obra:

<p>narrador</p>	<p>O narrador é o elemento narrativo que conta a estória, “apresentando e explicando os fatos que se sucedem no tempo e introduzindo os personagens” (CARDOSO, 2001, p. 36).</p> <p>Ademais, o narrador possui a função nas narrativas de estabelecer o foco narrativo da estória, a partir do seu ponto de vista. Ligia Chiappini Moraes Leite (1985), define foco narrativo como sendo um “problema técnico da ficção que supõe questionar ‘quem narra?’, ‘como?’, ‘de que ângulo?’” (LEITE, 1985, p. 89).</p> <p>Já para Cardoso (2001, p. 37):</p> <p>O narrador tanto pode interpretar, na posição de quem assiste aos fatos, a realidade que está sendo narrada, como também participar nessa realidade, desempenhando uma ação específica. Decorre daí a distinção tradicional entre narrador na primeira pessoa (aquele que exerce uma função de ação) e narrador na terceira pessoa (aquele cuja função se restringe à interpretação dos fatos).</p> <p>Desse modo, segundo Cardoso, as narrativas possuem diversos tipos de narradores. Um deles é o narrador em primeira pessoa que se divide em narrador-testemunha e narrador-protagonista, como veremos abaixo:</p>
-----------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

narrador

**Narrador testemunha** é uma personagem secundária que

narra da periferia dos acontecimentos, não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros, apenas pode inferir, lançar hipóteses, servindo-se também de informações, de coisas que viu e ouviu, e, até mesmo, de cartas ou outros documentos secretos que tenham ido cair em suas mãos. (LEITE, 1985, p. 37)

**Narrador protagonista** é o narrador que também é a personagem principal do enredo. “Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (Ibidem, p. 43).

O narrador em terceira pessoa, por sua vez, divide-se em narrador observador e narrador onisciente:

**Narrador observador:** conta a história em terceira (ele, eles), sem participar dos fatos. Segundo Barthes (2002, p. 137) esse tipo de narrador é,

uma espécie de consciência total, aparentemente impessoal, que emite a história a partir de um ponto de vista superior, o de Deus: o narrador é ao mesmo tempo interior às suas personagens (pois sabe tudo que se passa nelas) e exterior (pois que nunca se identifica mais com uma personagem do que com outra).

**Narrador onisciente intruso:** conta a história em terceira pessoa e possui a noção dos fatos e das personagens, inclusive opina sobre eles, dando ao leitor a impressão de ser um fato verossímil. Segundo Ligia, “Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, a moral que podem ou não estar entrosados com a história narrada”. (LEITE, 1985, p. 26-27).

**Narrador onisciente neutro:** conta a história em terceira pessoa. Esse narrador conta a história, o interior das personagens, no entanto, não opina sobre seus comportamentos. Distingue-se do narrador anterior “pela ausência de instruções e comentários gerais ou mesmo sobre o comportamento das personagens, embora sua presença, interpondo-se entre o leitor e a história, seja sempre muito clara” (LEITE, 1985, p. 32).

<p>personagem</p>	<p>Os acontecimentos retratados em narrativas são praticados pelas personagens. É importante ter em mente que toda personagem é uma invenção, independentemente de serem baseadas em pessoas reais ou na personalidade de determinado indivíduo. De modo geral, as personagens podem ser protagonistas, antagonistas ou personagens secundários, como veremos a seguir:</p> <p><b><u>Personagem protagonista:</u></b> é o elemento narrativo que possui papel principal, ou seja, o protagonista é “aquele em torno de quem os fatos se desenrolam, o que centraliza a ação; os outros personagens estarão de uma ou de outra forma em função dele, pensam nele e agem para e por causa dele” (CARDOSO, 2001, p. 42).</p> <p><b><u>Personagem antagonista:</u></b> é o elemento narrativo “que se opõe ao protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características, diametralmente opostas às do protagonista. Enfim, seria o vilão da história” (GANCHO, 2004, p.15).</p> <p><b><u>Personagens secundária:</u></b> são aqueles “personagens menos importantes na história, isto é, que têm uma participação menor ou menos frequente no enredo” (Ibidem, p. 16).</p>
<p>enredo</p>	<p>O enredo é o elemento narrativo que consiste no conjunto de acontecimentos encadeados por um nexos de causa e efeito de uma história. Os acontecimentos que compõem o enredo de uma narrativa podem ser divididos em:</p> <p><b><u>Enredo de ação:</u></b> os acontecimentos ocorrem de forma linear e cronológica. Esses acontecimentos são narrados de acordo com as ações concretas dos personagens.</p> <p><b><u>Enredo psicológico:</u></b> Os acontecimentos são narrados de acordo com as emoções, lembranças, conhecimentos, sentimentos, sensações do narrador ou dos personagens. Desse modo, os acontecimentos não ocorrem no tempo cronológico, mas sim no tempo psicológico.</p>
	<p>Para Gancho (2004), o espaço</p> <p>tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens” (GANCHO, 2004, p. 23).</p>

<p>espaço</p>	<p>A descrição do espaço ocupa um lugar modesto, pois o drama expresso pelo diálogo, dispensa o cenário. O drama mora nas pessoas, não nas coisas e nem na roupagem. A descrição é feita com poucas características, apenas para situar o conflito no espaço.</p>
<p>tempo</p>	<p>Para Gancho (2004), o tempo “constitui o pano de fundo para o enredo”, podendo ser cronológico ou psicológico, isto é, decorrer na “ordem natural dos fatos no enredo: do começo para o final”, ou decorrer “numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou das personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos” (ibidem, p. 24-25).</p> <p><b><u>Tempo cronológico:</u></b> é aquele que “transcorre na ordem natural dos fatos do enredo, isto é, do começo para o final. Está, portanto, ligado ao enredo linear que não altera a ordem em que os fatos ocorreram” (Ibidem, p. 21).</p> <p><b><u>Tempo psicológico:</u></b> é o “tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou dos personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos. Está, portanto, ligado a um enredo não-linear (no qual os acontecimentos estão fora da ordem natural)” (Idem).</p>
<p>linguagem</p>	<p>A linguagem é objetiva. Há utilização de metáforas de imediata compreensão para o leitor. Dentre os componentes da linguagem do conto, o diálogo é o mais importante de todos. Os conflitos, os dramas residem na fala das pessoas, pois sem diálogos não há discórdia, desavença ou mal-entendido e, sem isso, não há conflito e nem ação.</p> <p>Há diversos tipos de diálogo. Em seguida, vamos definir alguns:</p> <p><b><u>Diálogo direto (ou discurso direto):</u></b> Consiste na fala direta dos personagens com a utilização de travessão ou aspas. Esse discurso ocorre a partir da <i>Ilíada</i>.</p> <p><b><u>Diálogo indireto (ou discurso indireto):</u></b> Quando o narrador reporta o discurso da personagem. O discurso indireto é utilizado desde a <i>Ilíada</i>, de Homero.</p> <p><b><u>Diálogo indireto livre (ou discurso indireto livre):</u></b> junção do discurso direto e indireto. Ocorre somente a partir do estilo de época Real-Naturalismo.</p>

## O conto na temperatura ambiente

Já estudamos que o conto tem por finalidade narrar algo que é realizado por uma personagem em determinado tempo e espaço. As **instâncias narrativas** caracterizam esse gênero e todos aqueles que pertencem à tipologia narrativa. O conto, nesse sentido, diferencia-se por sua **estrutura composicional** que é muito **sintética e condensada**. A partir do quadro abaixo, propomos que você reflita sobre etapas comuns entre diversos contos.

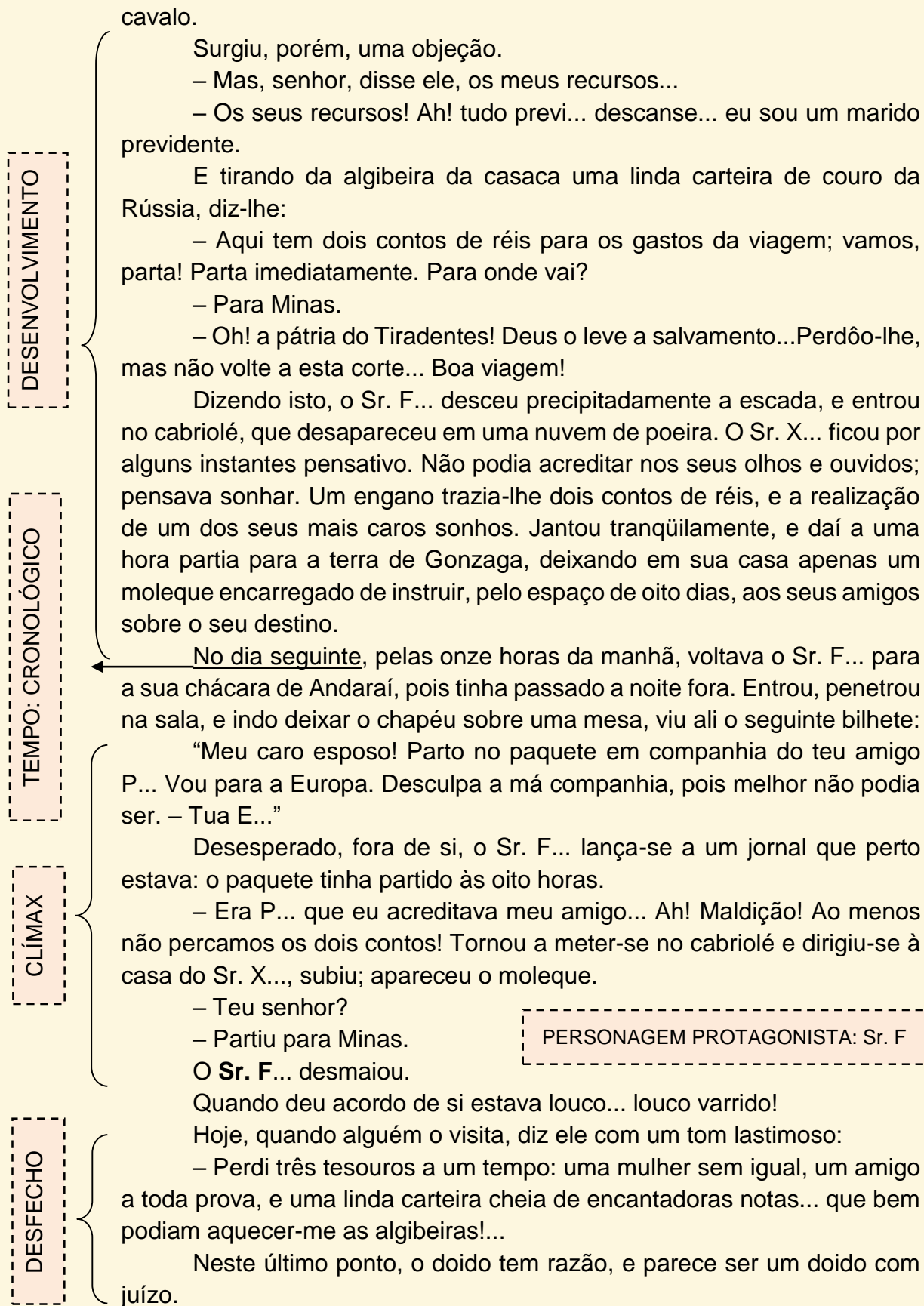
Introdução ou apresentação	Início da história em que se situam os fatos iniciais (conjunto de acontecimentos), a apresentação das personagens (seres fantásticos que vivem os fatos narrados), a apresentação do tempo e do espaço (cenário onde ocorrem os fatos). Esses acontecimentos iniciais são apresentados por um narrador. Segundo Gancho (2004), a apresentação ou introdução “coincide, geralmente, com o início de uma história. É a parte na qual se situa o leitor diante da história que irá ler” (GANCHO, 2004, p. 8).
Conflito	Acontecimento que altera a situação inicial e complica o enredo. O conflito possui a função de prender e envolver a atenção do leitor. “Seja entre dois personagens, seja entre o personagem e o ambiente, o conflito possibilita ao leitor-ouvinte criar expectativas frente aos fatos do enredo” (Ibidem, p. 10).
Clímax	Parte de maior tensão, quando o conflito atinge sua carga máxima. O clímax “é o momento culminante da história, o ponto de referência para outras partes do enredo, que existem em função dele” (Ibidem, p. 8).
Desfecho	Resultado do clímax e solução do conflito, que pode ser feliz, cômico, trágico, surpreendente, entre outros. Segundo Benedito Nunes (1978),  Seguir uma história é avançar em meio a contingências e peripécias sob uma conduta de expectativa que encontra o seu cumprimento na conclusão. Esta conclusão não é logicamente implicada por algumas premissas anteriores. Ela dá à história um “ponto final”, que, por sua vez, fornece o ponto de vista pelo qual a história pode ser percebida como um todo (NUNES, 1978, p. 77).

Para tornar mais significativa a exemplificação dessas etapas, propomos a leitura de **Três Tesouros Perdidos**, de Machado de Assis. Nele, vamos identificar a estrutura composicional do gênero e algumas instâncias narrativas, como narrador, personagens, espaço e tempo. Se for necessário, retorne ao tópico anterior para rever esses aspectos.

## TRÊS TESOUROS PERDIDOS

APRESENTAÇÃO	{	<p>Uma tarde, eram quatro horas, o <b>Sr. X...</b> voltava à sua casa para jantar. O apetite que levava não o fez reparar em um cabriolé que estava parado à sua porta. Entrou, subiu a escada, penetra na sala e... dá com os olhos em um homem que passeava a largos passos como agitado por uma interna aflição. Cumprimentou-o polidamente; mas o homem lançou-se sobre ele e com uma voz alterada, diz-lhe:</p> <p>– Senhor, eu sou <b>F...</b>, marido da Sra. Dona E...</p> <p>– Estimo muito conhecê-lo, responde o Sr. X...; mas não tenho a honra de conhecer a <b>Sra. Dona E...</b></p> <p>– Não a conhece! Não a conhece! ... quer juntar a zombaria à infâmia?</p> <p>– Senhor!...</p> <p>E o Sr. X... deu um passo para ele.</p> <p>– Alto lá!</p> <p>O Sr. F... , tirando do bolso uma pistola, continuou:</p> <p>– Ou o senhor há de deixar esta corte<sup>2</sup>, ou vai morrer como um cão!</p> <p>– Mas, senhor, disse o Sr. X..., a quem a eloquência do Sr. F... tinha produzido um certo efeito, que motivo tem o senhor?...</p> <p>– Que motivo! É boa! Pois não é um motivo andar o senhor fazendo a corte à minha mulher?</p> <p>– A corte à sua mulher! não compreendo!</p> <p>– Não compreende! oh! não me faça perder a estribeira.</p> <p>– Creio que se engana...</p> <p>– Enganar-me! É boa! ... mas eu o vi... sair duas vezes de <u>minha casa...</u></p>	NARRADOR OBSERVADOR
CONFLITO		<p>– Sua casa!</p> <p>– No Andaraí... por uma porta secreta... Vamos! ou...</p> <p>– Mas, senhor, há de ser outro, que se pareça comigo...</p> <p>– Não; não; é o senhor mesmo... como escapar-me este ar de tolo, que ressalta de toda a sua cara? Vamos, ou deixar a cidade ou morrer... Escolha!</p> <p>Era um dilema. O Sr. X... compreendeu que estava metido entre um cavalo e uma pistola. Pois toda a sua paixão era ir a Minas, escolheu o</p>	ANTAGONISTA: SR. X

ESPAÇO: CASA DO SR. X



DESENVOLVIMENTO

TEMPO: CRONOLÓGICO

CLIMAX

DESFECHO


PERSONAGEM PROTAGONISTA: Sr. F

Fonte: Assis, M. de, 1839-1908. **Conto de escola e outras histórias curtas** / Machado de Assis. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2008.


Em **Três Tesouros Perdidos**, publicado inicialmente em 1858, Machado, que possuía apenas dezenove anos, já delineava o estilo literário que nos seduz até os dias atuais. Nesse texto, pertencente ao início de sua carreira literária, podemos perceber a **ironia** que permeará toda sua obra e a **clareza** das imagens aliadas à **economia de palavras** bem escolhidas e bem-dispostas. O pequeno conto trata de uma traição amorosa. Logo na abertura, o **narrador observador** nos apresenta o sr. X e acompanhamos a personagem em sua jornada. Em seguida, define o **tempo cronológico**: quatro horas; o cenário da história: a casa do sr X; informa sobre os **estados emocionais das personagens**: Senhor X está apressado e com fome, enquanto o outro, que ainda não é nomeado, é caracterizado como instável, agitado. Além disso, o narrador nos guia espacialmente, desde a saída do cabriolé até o interior da casa. Diversas informações compõem o primeiro parágrafo do conto.

Diferente de gêneros mais extensos, como o romance, o **conto prima pela condensação e objetividade**. Conforme Gotlib (1995), o conto é uma narrativa que pressupõe economia do estilo e resumo da situação e proposição temática, ou seja, no conto não pode sobrar nada. É isto que determina seu critério de **brevidade** e de **condensação**, que por sua vez, determinam a função específica de cada elemento, sendo cada um deles insubstituíveis (GOTLIB, 1995, p. 63-65). Dessa forma, todo o enredo do gênero aponta para uma **unidade de ação**. No caso de **Três Tesouros Perdidos**, o cerne é a traição através do espírito do marido traído.

Outra característica interessante do gênero é a importância do **diálogo**. No conto que você leu, Machado explora esse recurso para desenvolver a traição. Assim, ao dar voz às personagens, vai rapidamente ao ponto em que o Sr F, o traído, tenta resolver a situação propondo a saída imediata do possível traidor, o Sr X. Além dos diálogos, é interessante perceber que o narrador pouco se interpõe ou opina, criando um **efeito de objetividade**.



Conheça sobre o autor em:





## Texto e contexto



Os contos, assim como as lendas, os mitos e as fábulas são narrativas originárias desde as mais antigas civilizações. Esses povos, através das histórias que contavam, passavam ensinamentos e preservavam sua cultura. Graças à **tradição oral** e, mais tarde, ao texto impresso, a arte de contar histórias foi passada de geração a geração, constituindo, até os dias de hoje, importantes fontes de informações para entendermos o mundo. Além de preservar a **memória** histórica de um povo, as narrativas emocionam, divertem, mostram verdades e revelam sentimentos e **valores** de uma época.

Em cada país, surgiram novas **modalidades** de contos, regidos de acordo com a época e com os **movimentos artísticos** que determinado momento histórico-cultural provocou. Assim, leem-se hoje contos de amor, de humor, de mistério, de terror, realistas, fantásticos, psicológicos, entre outros.

O gênero textual conto geralmente é publicado em livros ou revistas, sendo os livros o meio de veiculação principal. Desse modo, os contos são comumente distribuídos em diferentes tipos de livros, como aqueles produzidos pelo autor, com textos organizados a partir de critérios pessoais; edições planejadas para divulgar os melhores textos de um mesmo autor; e, ainda, antologias com obras de diferentes autores devido a temáticas ou qualidade.

A partir disso, podemos perceber que todo texto depende de um contexto, por isso, a data de publicação, o meio em que foi veiculado, bem como seu público-alvo precisam ser considerados, tendo em vista que sempre há uma intenção comunicativa.

Há diversos elementos que podem dar pistas do contexto das obras, tais como seleção lexical, estrutura composicional, entre outros. Para realizar uma leitura adequada, sempre atente a esses aspectos nos textos. Em seguida, vamos ler o conto **A Cartomante** e buscar dados para investigar o contexto em que o conto foi produzido e responder a outras questões.

## A CARTOMANTE

Machado de Assis



HAMLET observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

- Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me:

"A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade.

- Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

- Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois.

- Qual saber! Tive muita cautela, ao entrar na casa.

- Onde é a casa?

- Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

- Tu crês deveras nessas cousas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

- O senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor. Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor di femmina: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; - ela mal, - ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rerear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: - a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

- Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tomar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

- Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, - repetia ele com os olhos no papel.

Imaginarmente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele

acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, - o que era ainda pior, - eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

"Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim..."

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejudadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

- Anda! Agora! Empurra! Vá! Vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca

reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

- Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

- E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

- A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

- As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

- A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

- Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

- Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

- Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

- Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá, tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

- Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer causa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e continuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. s vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação:

- Vá, vá, ragazzo inflamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

- Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: - ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

**Fonte:** ASSIS, M. de. **A Cartomante**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 08/2018.

## Estudo do texto em funcionamento



1. O conto "A Cartomante", de Machado de Assis foi publicado originalmente na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro em 28 de novembro de 1884. Ao longo do texto, notamos diversos vocábulos que nos são estranhos, porque estão relacionados à linguagem da época. Releia o conto novamente e registre palavras que você desconhece a fim de perceber que o uso da língua portuguesa se modifica conforme o contexto.

---

---

---

---

2. A figuração de uma personagem é um recurso comum nos textos narrativos. Muitas vezes, esse retrato está disposto logo no início, mas pode estar espalhado pelo texto. Em determinados estilos de época, há menos descrições, enquanto em outros a caracterização da personagem ocupa um lugar privilegiado na narrativa. Para percebermos como as personagens são construídas, levantamos dados nos textos, tanto na voz do narrador quanto nas vozes das personagens. Sua tarefa agora é realizar essa caça e organizar uma tabela com aspectos físicos, sociais e psicológicos referentes a cada personagem.

Personagem	Aspectos físicos	Aspectos psíquicos	Aspectos sociais
Cartomante	morena	olhos sonsos	profissão: cartomante




3. No texto, percebemos que as personagens se posicionam de maneira diferente com relação à Cartomante. No início, Camilo se mantém cético a suas previsões, mas com o decorrer da narrativa sua visão se altera. Já Rita procura a Cartomante desde o princípio. Retome o conto e explicita o porquê de as personagens recorrerem à Cartomante. Depois, explique a reação das personagens diante da leitura das cartas realizada pela profeta.

---

---

---

---

4. Após receber o bilhete de Vilela pedindo que ele fosse a sua casa, Camilo resolve parar no meio do caminho para consultar a Cartomante. Ao término da consulta, Camilo diz a ela: “A senhora restituiu-me a paz ao espírito”. Para você, leitor do conto, qual o sentido dessa frase?

---

---

---

5. Apesar do conto se intitular **A Cartomante**, a personagem aparece muito brevemente na narrativa. Quais elementos linguísticos revelam a importância de seu papel na trama?

---

---

---

---

---

---

---

6. A construção dos espaços em uma narrativa é de vital importância para o enredo, pois indica os lugares onde acontecem os fatos. Partindo dessa premissa, volte ao texto e identifique o contexto da história. Para isso, você pode marcar todas as referências espaciais, como ruas e casas a fim de perceber o cenário onde a história se desenvolve.

---

---

---

---

---

---

---

7. Uma das funções que o narrador machadiano exerce no conto **A Cartomante** é a comunicativa, ou seja, a história é repleta de “conversas” que o narrador estabelece com o leitor, transformando-o em cúmplice e participante do enredo. Retorne ao conto e selecione fragmentos que evidenciem esse recurso.

---

---

---

---

---

---

---

8. Nas seções anteriores, estudamos os elementos composicionais do conto e mostramos essa disposição em **Três Tesouros Perdidos**, também de autoria de Machado de Assis. Agora é sua vez de identificar a estrutura composicional do conto **A cartomante**.

---

---

---

---

9. O conto inicia com a seguinte referência sobre uma importante obra da Literatura Inglesa: "Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia". Você sabe a quem pertence a autoria de **Hamlet**? Qual o sentido dessa frase ser mencionada logo na abertura do texto?

---

---

---

---

---

10. A Literatura e a arte em geral possuem um aspecto de atemporalidade e de universalidade, isto é, transcendem o tempo no sentido de que o escritor deixa a vida, mas sua obra continua a ser conhecida, lida e cultuada. Nesse sentido, que diálogo há entre o contexto histórico-cultural atual e o momento de produção do conto?

---

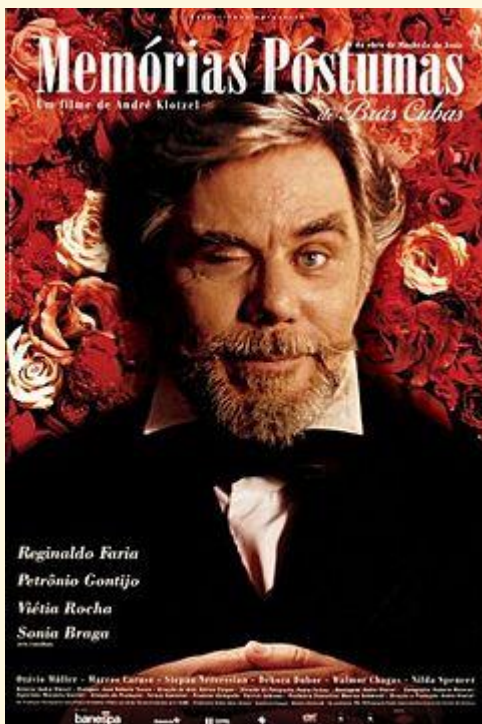
---

---

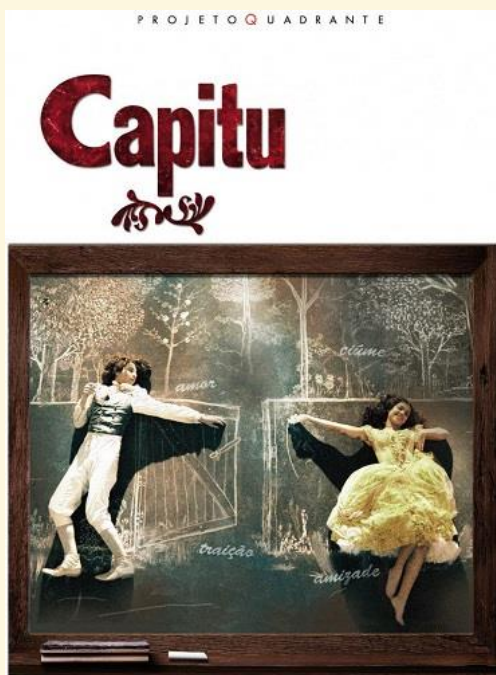
---

---

## A obra machadiana em outras materialidades



**Memórias Póstumas** é um filme brasileiro do gênero comédia dramática de 2001, dirigido por André Klotzel, e com roteiro baseado na obra **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis. Ao longo do filme, há uma quantidade expressiva de citações literais do autor. A fotografia é de Pedro Farkas e a direção de arte é de Adrian Cooper. A trilha sonora é de Mário Manga.



**Capitu** é uma minissérie brasileira produzida pela Rede Globo e exibida entre 9 e 13 de dezembro de 2008 em 5 capítulos. Baseada no romance Dom Casmurro de Machado de Assis, foi escrita por Euclides Marinho com a colaboração de Daniel Piza, Luis Alberto de Abreu e Edna Palatnik; tendo roteiro final e direção geral de Luiz Fernando Carvalho. A produção foi uma homenagem ao centenário de morte de Machado de Assis, autor do romance **Dom Casmurro**, no qual a série se baseia. Capitu é a segunda produção do Projeto Quadrante, projeto que tenciona levar a literatura brasileira para a televisão.

## Intertextualidade: um texto, vários universos

### Hamlet no cinema



HISTÓRIA do cinema brasileiro. **Hamlet** (2014) – Trailer oficial. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F4YvUimapyE>>

No início do conto **A Cartomante**, há uma referência explícita a **Hamlet**, de Shakespeare. Se você já conhece a peça do dramaturgo inglês, você não terá dificuldades de perceber que o conto machadiano se relaciona tematicamente com a obra. Caso não tenha lido, recomendamos que você a leia e procure assistir a outras produções sobre o drama.

A relação entre obras é comum no universo literário e em outras produções textuais e pode ocorrer de forma implícita ou explícita, por meio de elementos linguísticos e não linguísticos.

Conheça mais sobre o autor em:



# Fanfiction: o que é?

Você sabe o que é uma *fanfiction*? O termo *fanfiction*, popularmente conhecido como *fanfic*, ou apenas *fic*, significa, literalmente, “ficção para fãs”, e se trata de uma narrativa produzida, como o próprio nome se refere, de fãs para fãs, baseada em quadrinhos, animes, livros, séries, bandas etc. Esse gênero se originou em meados de 1930, nos Estados Unidos, e costumava ser publicado por meio de *fanzines*.

O gênero em questão é utilizado por grupos de fãs, denominados *fandoms*, que geralmente procuram desenvolver informações não contidas no decorrer das obras originais ou até mesmo escrever sobre o que acontece após seus encerramentos.

Mas, e se a história não acabasse na última página do livro? E se o leitor tivesse o “poder” de mudar um final que não o agradou? Foi a partir dessas e de outras questões, que leitores/fãs deixaram de apenas ler seus livros favoritos, e passaram a imaginar, escrever e compartilhar histórias baseadas neles, as chamadas *Fanfictions* (ALENCAR & ARRUDA, 2017, p. 89).

No início, como citado anteriormente, a *fanfic* era uma produção física (*fanzines*), pois existia material impresso ligado ao seu conteúdo. Porém, com a globalização e com o avanço tecnológico, os grupos tiveram acesso a outros meios de circulação, predominantemente o digital. Diferente de outros gêneros digitais, a *fanfic* exige uma interação direta entre leitor e autor, uma vez que o leitor pode comentar e/ou sugerir sobre o conteúdo lido e, assim, ocasionar mudanças no desenrolar da própria *fic*.



## O que são *fanzines*?

As *fanzines*, eram textos em que os fãs discutiam e trocavam ideias sobre a (s) obra (s) que apreciavam – livros, filmes, seriados e histórias em quadrinhos. Essas publicações eram editadas de forma caseira, em pequenas tiragens e vendidas a preço simbólico ou mesmo distribuídas gratuitamente nos encontros dos *fandoms*, que se tornaram mais tarde verdadeiras convenções de fãs nos Estados Unidos.

“fan” + “magazine”



## O que são *fandoms*?

O *fandom* é uma reunião de pessoas cujo gosto ou preferência giram em torno de uma obra (s) divulgada (s) pelos meios de comunicação em massa, como as séries de televisão. Os participantes de *fandoms* sentiam que precisavam ampliar o contato com as obras ficcionais por eles apreciadas (VARGAS, 2005).

Fanfiction é a escrita na qual os fãs usam narrativas midiáticas e ícones pop culturais como inspiração para criar seus próprios textos. Em tais textos, os autores imaginativamente estendem o enredo original ou linha do tempo original [...], criam novos personagens [...] e/ou desenvolvem novos relacionamentos entre os personagens que já estão presentes na fonte original (como manipular um texto sobre a relação romântica entre Harry Potter e Hermione Granger).

No Brasil, a fanfic chegou nos anos 2000, com o crescente sucesso das sagas Harry Potter, da escritora inglesa J.K. Rowling e, posteriormente, com a saga Crepúsculo, da escritora americana Stephanie Meyer. Isso levanta outro ponto importante do gênero com relação a seu público-alvo, que geralmente é formado por jovens leitores assíduos de obras ligadas às temáticas de mistério. Esse perfil denota que a circulação do gênero *fanfic* acontece predominantemente entre jovens com idade a partir de 16 anos.

As *fanfics* podem ser escritas de maneiras variadas, com múltiplas finalidades, dependendo da temática abordada. No quadro abaixo, você poderá entender sobre alguns tipos:

ESCRITA DE FANFIC		
Tipo	Conceito	Exemplos
Recontextualização	É a escrita de <i>fanfictions</i> para preencher lacunas deixadas pelo original, geralmente servem como um “extra” para explicar a conduta de determinado personagem, esclarecendo-a.	É o caso de textos que exploram cenas não descritas na obra fonte, a exemplo de <i>fanfictions</i> que trabalham a cena da lua de mel das personagens Isabella Swan e Eduard Cullen, que não foi desenvolvida na Saga <b>Crepúsculo</b> .
Expansão da linha do tempo	As obras originais indicam fatos do passado das personagens, mas não são explorados completamente. Desse modo, os <i>ficwriters</i> usam essas “pistas” para criar suas histórias.	Autores de <i>fanfictions</i> que escrevem sobre Alice Cullen (uma vampira), criam <i>fanfictions</i> que se referem ao passado humano da personagem. Há, portanto, <i>fanfictions</i> que “continuam” a trama após seu término. É o caso também de histórias sobre o relacionamento entre Reneesme Cullen e Jacob Black, pois a história termina sem a consolidação desse romance no original.

<b>Refocalização</b>	Quando o escritor de <i>fanfiction</i> centra sua história em um personagem secundário sobre o qual quase nada se conhece.	É o caso de histórias sobre a vida de Jéssica Stanley, a amiga invejosa de Isabella Swan na “Saga Crepúsculo”.
<b>Realinhamento moral</b>	Nesse estilo, o universo moral da obra original é contestado e até transformado: os “mocinhos” podem se tornar vilões, e, em outras histórias, os vilões são as personagens principais.	É o caso de histórias, como da vampira Victória, que na obra original persegue Isabella Swan por quase toda a história, e na <i>fanfiction</i> , a vilã apresentada como vítima.
<b>Cross Over</b>	Consiste na mistura de histórias, de personagens e até textos, em diferentes suportes, para a escrita da <i>fanfiction</i> .	É o caso de <i>fanfictions</i> que usam personagens da “Saga Crepúsculo” (livros e filmes) inseridas no enredo da obra “Sobrenatural” (seriado televisivo).
<b>Deslocamento de personagem</b>	As personagens principais da obra original são transportadas para outro ambiente, às vezes, com mudança de nomes.	É o caso de uma <i>fanfiction</i> que coloca Isabella Swan e Eduard Cullen no período da Segunda Guerra Mundial.
<b>Personalização</b>	Esse tipo de <i>fanfiction</i> atravessa a barreira da realidade, isto é, o <i>ficwriter</i> se insere na história.	É o caso da <i>fanfiction</i> de Caroline (2012), pois a personagem acidentalmente “cai” no universo da “Saga Crepúsculo” e se apaixona pelo personagem Jacob Black, mudando o rumo de toda história. A leitura dessa <i>fanfiction</i> é divertida, porque a autora segue a história original, modificando apenas as passagens referentes à Caroline.

**Fonte:** ALENCAR & ARRUDA. **Fanfiction:** uma escrita criativa na web. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.22, n.2, p.92-93, abr./jun. 2017.

---

---


---

---

---

**Não se esqueça:**

fazer anotações é um ótimo método de estudos! Registre suas dúvidas e, principalmente, os tópicos mais importantes sobre os conteúdos.





## Fanfic na temperatura ambiente

### O SEGREDO DE BENTINHO

A vida de Bentinho estava arrasada. A dúvida com relação à paternidade de seu filho Ezequiel, a separação da sua esposa Capitu e, agora, o falecimento dela, todas essas questões afligiam o Dr. Bento, fatos que o fez partir para um tratamento com o Estevan, psicólogo bastante conhecido na cidade. Os segredos de Bentinho, que deveriam permanecer dentro do consultório de Dr. Estevan, começam a vir à tona justamente durante o velório da sua ex-esposa cujo corpo acabara de chegar da Europa.

Neste evento fúnebre, está grande parte das pessoas que fizeram parte da vida de Capitu e Bentinho: Dona Glória, mãe de Bentinho, seu tio Cosme, José Dias, a prima Justina, Sr. Pádua e Dona Fortunata, que estavam velando a filha Capitu, Ezequiel, filho de Capitu e Bentinho, Sancha, o Dr. Estevan, além do Padre Cabral e outras figuras importantes da sociedade.

Ao lado do caixão, duas damas da sociedade conversam sobre Capitu:

- Está aí, deitada em paz, uma cara de santa, apesar de ter traído o marido!

- Essa daí era uma vigarista! Bem feito ter morrido!

Neste momento, Sancha se aproxima e defende a honra da sua amiga desde os tempos de colégio:

- Não falem assim dela, pois ela tinha seus defeitos, mas era uma boa pessoa! Que Deus a conserve em um bom lugar!

Padre Cabral, que acompanhou a vida de quase todos ali, estava próximo e tentou acabar com aquela conversa também:

- Apesar de ser ou não uma moça má, como todos, merece o perdão de Deus, vá em paz!

Neste momento, amparado por sua mãe, Bentinho chega próximo do caixão. Desde menino, ele sempre foi mimado e protegido por todos seus parentes, isso tornou-lhe um indivíduo inseguro e dependente, fato que lhe fazia ter dúvidas sobre vários aspectos em sua vida.

- Mãe, deixe-me aqui só um pouco. Quero orar pela alma dela.

- Tudo bem, filho. Você sabe o que faz.

Enquanto isso, Dr. Estevan aproxima-se de Bentinho e tenta acalotá-lo em silêncio.

Prima Justina, intrigante do jeito que era, estranhando aquela movimentação no velório, não se conteve e soltou uma bomba:

- Fiquei sabendo que Bentinho é gay!

- E deve ter um caso com esse psicólogo! Afirmou uma das amigas de Justina que escutava toda a conversa.

Dona Glória, que também ouviu o relato da prima Justina, correu logo em

Deslocamento de personagem

direção do filho para saber da verdade:

- Filho! Preciso muito conversar com você!

- O que foi, mãe?

- Acabei de saber que você tem um caso com o psicólogo! Como assim, filho? Tanto que queria que você fosse padre para se livrar desses pecados e agora você vem com essa?

- Mãe, calma! Eu iria te explicar tudo no tempo certo! Eu gosto muito da senhora e isso é uma situação muito delicada! Sim, eu tenho um caso com ele! Mas eu esperava que você me entendesse pois sempre disse querer meu bem!

Diante da revelação de Bentinho, Dona Glória perde os sentidos e uma confusão é formada com todo mundo tentando socorrer a senhora desacordada. No meio da confusão, José Dias, que era extremamente tradicional e protegia Bentinho como um filho, revolta-se e parte para a agressão em direção a Bentinho.

Sancha, mais uma vez, tenta acalmar a todos enquanto alguns homens separavam José Dias e Bentinho.

- Calma, calma! Não há necessidade de se fazer isso! Vocês querem agredi-lo apenas porque ele decidiu assumir ser gay? Agora que Capitu está morta, ele pode sim assumir o relacionamento dele com o psicólogo! Nós precisamos sim nos unir, entender as diferenças sejam lá quais forem, pois, a união é que faz a força!

Será que a sociedade vai entender a nova realidade de Bentinho?

Deslocamento de personagem

**Fonte:** NYAH! Fanfiction. "O segredo de Bentinho". 2018. Disponível em: <https://fanfiction.com.br/>. Acesso em: 20/03/2019.

ASPECTOS	
Tipo de <i>fanfic</i>	<b>Deslocamento de personagem</b>
	Mobilização para a aceitação das diferenças; Conscientização das diversidades culturais; Problemáticas banais derivadas de insegurança.

## Para lembrar

Nesta altura, já conseguimos perceber que *fanfic* e conto possuem semelhanças, visto que ambos são narrativas. Enquanto o **conto** é um gênero textual publicado em livros ou revistas, a **fanfiction** circula na Internet. Para Jenkins (2009), a *fanfiction* ou *fanfic* é um termo que se refere a qualquer narração em prosa com histórias e personagens extraídos dos conteúdos dos meios de comunicação em massa (JENKINS, 2009, p. 380). Além da tipologia em comum, a *fanfic* pode ser construída com base em um conto, tomando para si suas personagens, história e/ou outros elementos.

### Quantas vezes você já se perguntou: “- E se fosse diferente?”

Segundo o professor Othon Garcia (1974), a linguagem humana – seja oral, escrita, mímica, semafórica – só representa de fato alguma coisa, quando utilizada em contexto. Garcia (1974) também explica que os sentidos das palavras compreendem duas ordens: denotativo ou conotativo. Denotativo é o valor literal, concreto dos dicionários, enquanto conotativo é o valor figurado, subjetivo. Isso quer dizer que, mesmo que a palavra tenha uma definição, ela pode ser trabalhada de maneira a tornar possíveis outros significados (GARCIA, 1974, p. 141).

Nesse sentido, um gênero possui diversos níveis de leitura. A notícia, por exemplo, conta com um campo linguístico muito mais denotativo do que o conto, tendo em vista sua finalidade de transmitir uma informação. É preciso ficar atento à “rede de informações” disponíveis a nós, leitores, para compreendermos os textos de forma adequada, pois, nem sempre, apreendemos os significados facilmente. Quando lemos uma narrativa, precisamos atentar às informações, porque é comum que o narrador pregue peças, a exemplo do narrador machadiano que convida o leitor a pular partes da obra.

Mas não pense que somente o autor e o narrador são importantes. Muitas vezes, determinada história nos fascina a ponto de mergulharmos naquele universo e passarmos a imaginar como a história mudaria se uma personagem tivesse agido de determinada maneira. Essa atitude é muito compreensiva, porque o leitor é imprescindível para a história: é através dele que as narrativas ganham vida e se perpetuam por longos anos. Você pode não perceber, mas são as escolhas linguísticas que definem e significam todas as histórias. Os pronomes, os advérbios, as conjunções e as preposições tecem relações de sentido em um texto e contribuem para deixar nossos textos mais claros, coesos e expressivos.

Abaixo, você encontra um texto com lacunas, as quais você, como um bom aprendiz, terá que completar. Atente para a tarefa: sua missão é ajudar a construir a história com os elementos disponíveis no quadro abaixo.

mas – porque – após – não – e – várias – bastante – mas não – praticamente – absolutamente – sempre – provavelmente – quase – grande – alguns – se – sim – todavia – uma sequer – nunca – com – que – quando – muitas – sem

## O INDIQUENTE

Luísa Dalcin

*Travessia.*

Alimentou-se durante a noite atacando pequenos animais que cruzavam seu caminho no campus. Sentia que seu corpo putrefato fraquejava. Cada passo que dava era um grito abafado de pedido de socorro e de vingança.

Abandonou o subsolo do prédio universitário \_\_\_\_\_ caminhou pela escuridão até chegar à estrada, que \_\_\_\_\_ estava deserta. \_\_\_\_\_ rastejou por cerca de duas horas, ziguezagueando \_\_\_\_\_ um bêbado que já não sustenta mais o peso do próprio corpo, tentando alcançar a cidade. \_\_\_\_\_ chegou ao bairro Nossa Senhora de Lourdes, se sentiu ameaçado pelas luzes da avenida e pelo movimento dos carros. Preferiu seguir por ruelas escuras, becos e se perdeu \_\_\_\_\_ na cidade que chamou de sua por muito tempo. Subindo a Rua Floriano Peixoto, passou por bares que conheceria – recluso \_\_\_\_\_ desempregado, o homem de meia-idade \_\_\_\_\_ era propenso a novas amizades e \_\_\_\_\_ convivia com \_\_\_\_\_ ninguém nas madrugadas que passava clandestinamente no laboratório do hospital.

Cruzou a rua sentindo as fortes batidas de música que saíam pelas frestas dos bares como se fosse dentro de si, e prestando atenção nas risadas de quem fazia uma pausa no boteco para comprar um cachorro-quente. Atravessou os canteiros \_\_\_\_\_ avistou o hospital, uma construção amarelada de estilo clássico que ocupava \_\_\_\_\_ quadra inteira. Refez o trajeto de outras madrugadas de experimento: entrou pela porta de serviço do hospital, se esquivou das câmeras de segurança dispostas discretamente na fachada, subiu pelas escadas até o segundo andar, dobrou à direita e entrou na \_\_\_\_\_ sala, \_\_\_\_\_ do corredor, onde se lia em uma placa prateada: Consultório do Dr. Roberto Luís Estevão Filho.

Escondeu-se no pequeno banheiro inutilizado, que servia de despensa e armário de relatórios. O local \_\_\_\_\_ haver sido meticulosamente arrumado. \_\_\_\_\_ estava muito limpo e a estante, vazia, contendo apenas alguns certificados. Na última prateleira, reconheceu o seu celular.

Ouviu o barulho da porta. O relógio marcava 5h da manhã. Um homem alto, moreno, na casa dos 60 anos, chegava para trabalhar em seu costumeiro jaleco branco. Era o dono da sala. Pesquisador há décadas, sempre com resultados fantásticos, o Dr. Roberto organizava em sua mesa o \_\_\_\_\_ novo prêmio de reconhecimento do seu trabalho na busca por tratamentos revolucionários para o diabetes. Pendurou o certificado devidamente enquadrado em um vidro fino com bordas, e observou sobre a mesa a \_\_\_\_\_ medalha de prata com letras cravadas de honra ao mérito médico, pendurada em um pesado cordão do mesmo metal,

quando ouviu o vagaroso ranger da porta do banheiro.

-...Tem alguém aí?, perguntou o Doutor.

Uma sombra começou a tomar forma.

- Sou o indigente.

-Que indigente? Que brincadeira é essa? Vou chamar a segurança! \_\_\_\_\_ está autorizado a entrar na minha sala!

O médico tremia \_\_\_\_\_ recuava em direção à parede oposta. Ao abrir da porta, ele reconheceu os olhos do homem \_\_\_\_\_ entrou em pânico.

\_\_\_\_\_ lembra de mim, doutor? Stephen. Stephen Reis, seu experimento no laboratório, você \_\_\_\_\_ lembra? Claro que \_\_\_\_\_... Você me identificou como indigente quando resolveu roubar meus documentos \_\_\_\_\_ “doar” meu corpo para o laboratório de anatomia da Universidade!

- Mas... como?!... como você...

O médico tentava esboçar uma reação, \_\_\_\_\_ conseguia articular \_\_\_\_\_ palavra – era tomado pelo pânico e pela incredulidade. Na sua frente, estava a cobaia humana da maior pesquisa científica da sua vida, um homem solitário de 40 anos, morto há mais de uma semana ali mesmo, no seu consultório, e agora vivo, caminhando em direção a ele como no pior pesadelo imaginável!

- Você mentiu, desde o dia em que propôs me pagar para “ajudar” na sua pesquisa com células humanas! – O morto-vivo falava com voz pesada \_\_\_\_\_ cercava o pesquisador atrás de sua mesa de trabalho. – Você sabia dos riscos dos testes, sabia que \_\_\_\_\_ podia testar as bactérias em mim! Por isso o experimento era tão secreto, porque você \_\_\_\_\_ previa tudo... A febre, a dor, aquela infecção destruindo meu corpo! Você \_\_\_\_\_ me achava um indigente antes, pois \_\_\_\_\_ soube que a sua pesquisa poderia me matar!

O homem avança sobre o doutor envolvendo em seu pescoço, com as duas mãos, o espesso cordão de prata que estava sobre a mesa, apertando-o por alguns minutos, até sentir seu corpo desfalecido. Ao raiar da manhã, quando o primeiro paciente do Dr. Roberto chega ao laboratório para iniciar seu tratamento contra o diabetes, encontrou-o \_\_\_\_\_ vida, caído no chão, inerte e sozinho, com os olhos abertos em expressão de pânico, segurando junto do peito sua medalha de hora ao mérito.

**Fonte:** DALCIN, L. **O indigente.** In: SILVA, J. D. da. (org.) **Sussuros da Boca do Monte/** organizado por Jéssica Dalcin da Silva. Porto Alegre: Avec, 2017, p. 185-87.

\* \* \*

Você ainda lembra que, conforme sua escolha lexical, as possibilidades de interpretação do conto variam? Não tem certeza? Compare seu texto com os de seus colegas e discuta sobre os elementos que contribuíram diretamente para o desfecho de cada história.

## Seja você o mago!

A *fanfic* difere do conto, por exemplo, pela apropriação de características ou objetos que não são pertencentes ao autor/escritor, mas se relacionam por meio da linguagem. Que tal exercitar os conhecimentos obtidos com o estudo dos gêneros, produzindo a sua própria *fanfic*? Escolha, portanto, uma personagem do conto **A Cartomante**, de Machado de Assis que você leu anteriormente neste material e produza sua ficção. Para iniciá-la, procure considerar:

- o a personagem que você escolher será a personagem principal da sua *fanfic*, ou seja, a história será em torno dela;
- o você deverá escolher um destes tipos de *fanfics*: recontextualização ou refocalização;
- o se você escolher recontextualização, lembre-se que no conto o ponto de vista retratado é o de Camilo, então você apenas preencherá lacunas na história;
- o se você escolher refocalização, o foco do conto será alterado, ou seja, o ponto de vista da história será a partir de outra personagem.

### Registre seu texto




## Revise seu trabalho

TABELA DE CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DA <i>FANFIC</i>		
EIXO	CRITÉRIOS	OBSERVAÇÕES
1. Adequação ao gênero	1.1. O autor compreendeu a proposta de reescrita e adequou sua produção ao contexto da obra original?	
	1.2. Empregou título? Se sim, expôs a referência utilizada, obra original, no título?	
	1.3. Estabeleceu relações entre conto base e seu texto?	
2. Estágios de composição	2.1. Teceu relações entre a obra original e a temática/ personagens/ contexto abordadas em seu texto?	
	2.2. Especificou claramente o enredo de sua produção?	
	2.3. Apresentou e descreveu personagens na <i>fanfic</i> ?	
3. Coesão Textual	3.1. Segmentou o texto em parágrafos e utilizou pontuação de forma adequada?	
	3.2. Empregou pronomes, advérbios, elipses para substituir termos no texto?	
	3.3. Utilizou elementos de conexão sequencial na construção textual?	
4. Norma Padrão	4.1. Aplicou convenções ortográficas e acentuação gráfica na escrita do seu texto?	
	4.2. Empregou adequadamente modos e tempos verbais?	
	4.3. Flexionou, adequadamente, os verbos e os nomes nas orações?	

Fonte: PASSARELI, L. M. G. **Ensino e Correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012. (adaptado)



# Leituras complementares



**HELENA**



**O ALIENISTA**



**QUINCAS BORBA**

**MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**



Originalmente publicado em formato de folhetim, no jornal O Globo, entre agosto e novembro de 1876, o romance urbano Helena trata de um amor proibido e apresenta duras críticas à sociedade do século XIX. A capa representada é da Série Bom livro.

A primeira edição em livro da obra é de 1882, quando aparece incorporado ao volume Papéis Avulsos. Anteriormente havia sido publicado em A Estação (Rio de Janeiro), de 15 de outubro de 1881 a 15 de março de 1882. O conto trata de um cientista que deseja estudar a loucura humana e acaba cometendo muitos exageros em nome da ciência.

Inicialmente publicado em 1891 em formato de folhetim, Quincas Borba pertence à trilogia realista de Machado de Assis composta por Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro. O romance trata principalmente da transformação do homem em objeto e a sua "coisificação".

Primeiramente publicado em folhetim, de março a dezembro de 1881, na Revista Brasileira; depois como livro no ano seguinte, pela Tipografia Nacional. O romance retrata as classes sociais, a escravidão, o cientificismo, entre outros temas. É considerado uma das obras mais inovadora e revolucionárias da Literatura.

## Referências

ASSIS, M. de. **A Cartomante**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 20/08/2018.

ABAURRE, M. L; ABAURRE, M. B. **Produção de texto**: interlocução e gêneros. São Paulo: Moderna, 2007.

ALENCAR, D. A. & ARRUDA, M. I. M. **Fanfiction**: uma escrita criativa na web. Perspectivas em ciências da informação. vol. 22 n. 2 Belo Horizonte abr./jun. 2017 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2760>. Acesso em 26/09/2018.

CARDOSO, J. B. **Teoria e prática de leitura, apreensão e produção de texto**: por um tempo de "PÁS" (Programa de Avaliação Seriada). Brasília: Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

DALCIN, L. O indigente. In: SILVA, J. D. da. (org.) **Sussuros da Boca do Monte**/ organizado por Jéssica Dalcin da Silva. Porto Alegre: Avec, 2017.

DONEDA, L. **O gênero textual fanfiction**. 2016. 43p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2016.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. Editora Ática, 2004. Disponível em: [http://fortium.edu.br/blog/fabricio\\_martins/files/2012/02/ComoAnalisarNarrativasGanchho.pdf](http://fortium.edu.br/blog/fabricio_martins/files/2012/02/ComoAnalisarNarrativasGanchho.pdf). Acesso em: 23/09/2018.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GOTLIB, N. B. **Teoria do Conto**. 7º Ed. - São Paulo: Ática, 1995.

HISTÓRIA do cinema brasileiro. "**Hamlet**" (2014) – Trailer oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F4YvUimapyE>. Acesso em: 23/09/2018.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LEITE, L. C. M. **O foco narrativo**. São Paulo: ática, 1985.

MEC. **Machado de Assis**: vida e obra. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/autor-obra-lista/itemlist/category/34-machado-por-seus-contemporaneos>. Acesso em 25/09/2018.

MOISÉS, M. **A criação literária**: prosa I. São Paulo: Cultrix, 2006.

NUNES, B. **O Tempo na Narrativa**. São Paulo: Ática, 1978

NYAH! Fanfiction. 2018. Disponível em: <https://fanfiction.com.br/>. Acesso em: 25/09/2018.

PASSARELI, L. M. G. **Ensino e Correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012.

PUC, Rio. **Elementos da narrativa**. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9582/9582\\_6.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9582/9582_6.PDF). Acesso em: 10/09/2018.

SCLIAR, M. **O conto se apresenta**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/211324258/o-Conto-Se-Apresenta-Moacyr>. Acesso em: 17/09/2018.

SOUZA J. B. de. **Fanfiction como recurso de letramento e cultura**. Perspectivas em Ciência da Informação, v.22, n.2, p.88-103, abr./jun. 2017. Disponível em: <http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/4-20142.pdf>. Acesso em: 25/09/2018.

VARGAS, M. L. B. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: UPF, 2005.



MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO



CAPES



PROGRAD

UFESM



CAL  
CENTRO DE  
ARTES E LETRAS  
UFESM



LETRAS  
Licenciatura

Residência  
Pedagógica